

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 21 de Dezembro de 1856.

N. 17.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XVII.

MORTE AO ROMANCE

SUSPENDAM AS REFLEXÕES EM QUANTO—*fallo.*

(*Variante da Fabia.*)

Truz, trüz, truz.

— Quem está ahí?

— Creado da casa.

— O que pretende?

— Receber o importe de trez mil réis d'assignatura por seis mezes para o jornal a *Saudade.*

— Não conheço d'esta fazenda por cá; naturalmente enganaram-no.

— Perdão, sei o que faço; ha tres mezes que entrego a folha n'esta casa, e nunca se lembraram de dizer-me que não eram assignantes.

— Essa é boa! Em nome de quem está o recibo?

— Em nome de Agapytho Burromeu da Encarnação.

— Sinto muito dizer-me que não existe n'esta casa ninguem d'esse nome.... dê-me licença, tenho que fazer.

E hia a fechar a porta.

O cobrador impacientava-se.

— Faça-me o obsequio de chamar uma senhora *velha* que tem tomado conta das folhas; quero entender-me com ella.

— Porém....

— *Oh! non de Dieu!* exclamou aquelle com um movimento de enfado bastante expressivo.

O primeiro comprehendeu que o negocio era serio, fez meia volta á direita e desapareceu.

Cinco minutos depois apparecia a *velha* em questão.

— Meu Deos! disse o cobrador á parte, não podiam infligir-me castigo maior do que o de olhar para esta *carantonha.*

— Bom dia, minha senhora, disse elle.

— Bom dia.

Ella correspondêra ao cumprimento de uma maneira a provocar o riso.

O infeliz cobrador não sabia como começar, todas as vezes que olhava para a velha sentia um calafrio percorrer-lhe pelas veias. Como porém era forçoso dizer alguma cousa, principiou:

— Venho cobrar a importancia d'este recibo....

— Hein? atallhou a *velha* sorvendo uma enorme pitada de rapé.

— Um recibo da *Saudade*....

— Não conheço....

— Está visto, esta gente protestou fazer-me perder a paciencia, estaes enganados; hei-de levar a conversa até ao infinito.

— Tanto conhece que é a senhora a quem entrego o jornal. Um jornal litterario, com uma capa *encarnadinha* quasi sempre.... traz versos, romances, historia, etc., etc.

— Aquelle papel que o senhor me entrega todas as semanas.

— Advinhou.

— Romances, versos... mas isto é uma indignidade!... o senhor quer perverter minha filha...

— Romances!...

— E esta!.. inda agora sabe que o jornal publica romances; zombemos da velha.

— Minha senhora, os romances instruem, delectam e formam o nosso espirito. A sua leitura póde impressionar-nos, tomamos interesse por este ou aquelle personagem, e o resultado é que o nesso coração torna-se sensivel e bom. Por isso a menina mais innocente póde ler esta qualidade de escriptos; quanto aos versos, ah! minha senhora, os versos é a linguagem dos anjos!

A velha parecia não escutar o paciente cobrador; a noticia de que o jornal que entregavam, trazia romances, produzia n'ella uma revolução geral.

Sem responder a menor palavra, voltou-se para dentro dando ruidosos suspiros.

Era de crer que hia seguir-se uma scena original.

Aquelle sorrio-se entre si, dispondo-se para tudo.

Pouco depois regressou a velha.

Segurava na mão o quer que fosse.

— Aqui tem, disse ella, atirando com um rolo de papeis ao cobrador, leve essa peste, e não me torne a apparecer aqui.

— Que significa isto ?

— Isto significa que não quero mais em minha casa uma folha que ha transtornado a cabeça de minha filha... minha filha que era a innocencia personalisada !.. Se meu marido fosse vivo affianço-lhe que se não contentaria com isto. Ah ! tempo, tempo !

O cobrador sentia immensos desejos de desbaratar com esta representante do outro seculo, conteve-se, e apenas disse, fazendo uma grande cortezia :

— Dou-lhe de conselho que guarde sua filha n'uma *rodoma*, olhe que os romances são uma das pragas do seculo !

O cobrador enterrou o chapéu na cabeça, e apressou-se em deixar uma casa habitada pela mulher mais original que ha visto em sua vida.

Rio, dezembro 17 de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Em uma humilde, mas decente cama, conti nuava Luiza no mesmo estado de immobilidade. O seu rosto exprimia o combate terrivel que se dera em seu espirito uma ou duas horas antes, e facil era reconhecer-se que a sua pallidez, o amortecido dos olhos, e o esbranquiçado dos labios, eram symptomas assustadores de uma morte lenta e dolorosa. De um rapido volver de olhos advinhou o medico que ante essa dor moral a sciencia é inefficaz, ella póde aliviar um tanto o soffrimento pungente, mas a existencia está desde muito tempo condemnada, e Deos só tem em suas mãos o poder de transformal-a.

Lourenço entrou no quarto da joven, de cabeça erguida e olhar ameaçador ; o triste espectaculo não lhe arrancou um simples assomo de commoção ! Parecia pelo contrario que elle se enebriava em contemplar esse corpo morto e quasi frio. João chorava, o regedor escondia algumas lagrimas tentando assenhorear-se de si, pois que d'esde que entrára no quarto não tinha podido dar a menor palavra. Entretanto o medico procurava chamar Luiza á vida. Escreveu appressadamente algumas linhas, e ordenou que as levassem a seu destino. D'ahi a cinco minutos João voltava com um pequeno vidro. Aquelle despejou nos labios da joven algumas gotas de um liquido amarelado. O effeito foi repentino.

Luiza fez um movimento como para levantar-se. Maria deu um grito.

— Eil-a que volta a si, disse o regedor.

Assim era ; Luiza despertou de todo. Ah !

A causa desta exclamação nascêrau de Lourenço, a primeira pessoa em que Luiza posára os olhos.

— Nada tema, tornou o regedor approximando-se da cama ; está em presença de pessoas que se interessam por si, e que não de protegê-la.

O tom de bondade com que aquelle fallava á joven, o interesse que exprimiam todas as phisionomias, á excepção da de Lourenço, asseguraram Luiza. Foi então que reconheceu o medico.

— Meu pai ! Carlos ! os meus amigos ! exclamou ella por um expontaneo movimento de intimo regosijo.

— Antes de abraçal-os, respondeu elle, é preciso que a menina torne a adquirir as forças de outr'ora ; por emquanto está muito fraca para se expôr a uma viagem.

— Não importa : o desejo que tenho de voltar de novo á casa em que nasci, dar-me-ha coragem... Por quem é, Sr. R., consinta que deixe estes lugares !...

— Porém...

— Oh ! ignora que este ar que respiro é mortal, ignora que tenho soffrido muito depois que fui arrancada aos braços daquelles que amo ?... Vamos, verá que só nas margens do meu bello rio é que poderei achar o socego de espirito que perdi ha muito tempo... O senhor acompanhar-me-ha, não é assim ? Estou habituada a vê-lo d'esde a infancia, devo-lhe a existencia, pois que me salvou de uma morte certa ; minha mãe dedicava-lhe uma amisade de irmã, meu pai tributa-lhe outra não menos sincera... é pouco ver de novo, com o rubor nas faces, todas essas santas e doces affeições, esses lugares que em outro tempo formavam um dos maiores encantos da minha vida !... Quero partir, ainda que tenha de dar o ultimo suspiro no momento em que transpuzer o limiar da casa onde pela primeira vez vi a luz do dia.

— Vou satisfazê-la, respondeu o medico dando alguns passos em direcção á porta do quarto.

— Um momento, Sr. R..., atalhou o regedor embargando-lhe a passagem, preciso da sua presença nesta casa ; quero interrogar essa menina.

Lourenço tinha-se sentado na extremidade do quarto ; não lhe dizia respeito nada do que se passára até ali, por isso escutava impassivel ; quando porém vio que hia começar-se as declarações, levantou-se, e disse com arrogancia :

— Com que fim exige o senhor a presença do medico nesta casa ? Elle foi chamado para prestar o auxilio da sciencia áquella... joven ; cumpro com o seu dever, nada mais temos com elle... Trata-se de algum corpo de delicto ?...

— Sr. R..., disse Luiza com resolução, fique, eu lhe peço. Esqueci-me que antes de abraçar meu pai tinha uma divida a pagar; vou fazê-lo: Escutem-me todos, o que vou dizer é a verdade, e prova-la-hei se a tanto me forcarem.

Havia perto da Fulgosa, proseguiu Luiza com voz triste e solemne, um velho lavrador estimado e bem quisto por toda a parte; ninguem ousaria levantar mão traiçoeira para elle, pois que não tinha um só inimigo. Esse velho habitava uma pequena casa á margem do rio, em companhia de sua filha, joven de dezoito annos. Margarida era linda, os pretendentes affluíam aos pares, nenhum porém pudera agradar-lhe até ali. A idéa de que casando-se deixava seu pai e a casa em que nascêra, contribuia para que fossem despedidos todos aquelles que desejavam a sua mão. Comtudo um dia veio em que não foi possível recusar o esposo que seu pai lhe escolhêra. Margarida obedeceu, e oito dias depois assisti ao seu casamento. Os noivos foram habitar na Fulgosa; o velho pai insistira sobre isto, e como não queria acompanhá-los prometteu-lhes que hiria vê-los todas as noites. Passava-se isto a 20 de Dezembro de 1845. As visitas daquelle continuavam sem interrupção, e sempre de noite; o trabalho impedia-o de fazê-lo por outro modo. Os creados, receando que lhe succedesse algum contratempo, porque elle regressava á casa depois das 10 horas, quizeram seguil-o alternadamente; o velho prohibio-lhes, dizendo que um homem que não tinha feito o menor mal, não devia ter inimigos. As previsões dos creados realisaram-se. Uma noite... mas é horrivel pensar em tal, disse Luiza extremamente agitada...

— Coragem! disse o Regedor, que escutava impaciente e palpitante.

(Continua.)

As Orphãs de Icarahy.

I.

O ULTIMO DIA D'EXPLENDOR.

« Que queres minha irmáa? não posso amal-o! Nasci para soffrer, e não para gozar. Se um sentimento affectuoso me prendesse a alguem, eu deixaria com saudade esta relva matisada de flôres, esta alameda de copados troncos, este ceu que com a sua côr tão linda nos está sorrindo; — e eu quero morrer, Julia querida, entre os teus braços, beijando a mão de nossa triste mãe, e dando o ultimo de meus sorrisos de innocencia a estas campinas em que vi-me adormecer sobre a louza do sepulchro! »

Era uma joven quem assim respondia a sua irmã em uma bella tarde do outomno deste anno, passeando ambas a sós em uma rua dos campos de Icarahy, ladeada de arvoredos e jardins. Ambas de pequena estatura, de formas delicadas e de elegante aspecto, differiam comtudo nos typos da belleza. A que respondia tinha apenas quize annos, uma tez nimiamente alva, olhos grandes e expressivos; magnificos cabellos castanhos lhe pendiam em cachos sobre os hombros bem torneados, e seu nariz um pouco curvo dava uma expressão intelligente ao seu rosto, a que apezar, de fortes indícios de padecimento, acudiam no correr da conversação rosadas côres que transmittiam a seus olhos brilhantes uma expressão ardente e seductora. Sua cintura fina, apertada por um vestido de cassa azul celeste, realçava as fórmas salientes de seu collo; seu andar docemente compassado, mas airoso, deixava perceber um pé delicado e inquieto. Quando fallava, sua voz tão doce, de um timbre argentino, e que parecia soltar pungentes gemidos, tomava na forte organisação de seu peito sons profundos e de electrica acção, que causavam sensações dolorosas.

Sua irmã nem possuia a extrema mocidade de Dulce, nem sua seductora e roçagante belleza. Era uma moça de formas delgadas, de rosto comprido e pallido, com magnificos olhos, que exprimiam todos os affectos com a rapidez do pensamento. Baixa, porém bastante franzina; o talhe fino, o pescoço de graciosa curva, as mãos afiladas e artisticamente torneadas, disfarçavam-lhe a pequenez. Tinha sempre nos labios um movimento expressivo, que o mais das vezes indicava a desillusão dolorosa dos sonhos ideaes.

« Tu não sabes quanto elle é digno de tua amizade: — disse Julia, — os teus sorrisos de indifferente jovialidade fazem padecer horrivelmente o pobre moço, que attribue a tua friesa, que não é mais do que a resignação de uma alma desprendida do mundo, a um affecto dedicado a outra pessoa mais rica e feliz »

« E tu acreditas, minha Julia, nessas confidencias que parecem nascer de um interesse puro, de um affecto extremoso? Julguei que estavas mais pratica das paixões dos homens, que se revestem das caras mais hypocritas, para illudir melhor a nossa sensibilidade; se veem uma moça triste, amiga da leitura, que foge das sociedades animadas, e que suspira sob as folhagens a que se acolhe, dizem logo que ella é romantica, des-norteada pela litteratura moderna, e portanto facil de illudir pelo sentimentalismo. Não acredites nas confidencias do teu ingenuo Affonso. E quanto a preferencias por causa de fortuna, pôde elle ficar certo que em nada me influencia; tanto estimo a elle simples capitão de cavallaria, como ao mais rico e parvo barão feito á custa de bellas notas. »

Julia pareceu soffrer enormemente com a ineredulidade de sua irmã. Aquella alma dedicada parecia interessar-se por um motivo occulto para fazer reverter em proveito de Dulce o affecto do joven official, que ella reconhecera ser ardente e puro. Com as mãos pallidas e tremulas por intima commoção, apertou levemente os cabellos que encobriam a fronte elevada e virginal de sua irmã, e tornou-lhe com um tom de voz que fazia acudir o pranto aos olhos da bella impiedosa:

« Pois bem, minha Dulce, tu não queres acreditar em simples palavras; julgas que eu, moça de vinte annos, que tenho visto a aurora e o occaso de tantas inclinações em minhas companheiras de idade, me deixo illudir pelas maneiras polidas e pelos bigodes de um heroe do Cassino; vou-te pois demonstrar o contrario, narrando-te factos que te hão-de convencer, e que hão-de abrandar a casa de gello que envolve a tua sensibilidade. »

Dulce deu uma risadinha, semelhante ao ligeiro murmuro das cadeiras, quando um cantor estimado vai esforçar-se por executar uma cavatina fóra de seus recursos. Porem por natural bondade acalmou-se, e por não causar desgosto a sua irmã, deixou-a fallar.

« Has-de lembrar-te por certo que depois da estada do Sr. Affonso de Sá, em M..., quando lá foi com a força que hia manter a ordem no sertão, sempre elle procurou manifestar-te uma inclinação affectuosa, e com nobres aspirações. Eu durante muito tempo tambem julguei que o nosso joven capitão, não era mais do que um desses conquistadores faccis da corte, que julgam-se com direito de enganar todas as provincianas que elles honram com seus indulgentes olhares. Então me ria todas as vezes, que elle diante de mim fazia o teu elogio, e julgava eu, vaidosa como então era, que o seu fim unico não passava de uma provocação á minha inveja, que por natural successão de sentimentos procuraria captar-lhe as boas graças, que só a ti crão dedicadas. Por este tempo retirou-se elle para a corte por ordem do governo, e tu sabes a pallidez, e o tremor de voz não affectado, com que elle veio despedir-se de nós em casa de mamãe. »

« Depois de nossa vinda para o Rio, quando moravamos na rua do L..., pareceu-me vel-o algumas vezes passar rapidamente por diante de nossa casa; mas com hia com a cabeça baixa, e parecia querer impedir que seus olhos para esse lado se voltassem, não tive occasião de certificarme sobre o estado em que seus sentimentos se achavam. »

« Pois tu esperavas que elle ainda se lembrasse de nós ? »

Disse Dulce como que sorrindo-se da ingenuidade de sua irmã.

« Quanto és injusta ! — continuou esta. — Po-

bre moço que sempre viveu preocupado pelas lembranças de seus dias felizes de M..., como elle os chama, e a quem tu nem ao menos concedes as honras da sinceridade ! Pois ouve Dulce, e aprende a ser menos desapiedada ; o amor não é um crime; uma alma candida como a tua póde deixar eneobrir-se com o seu véu de gazes transparente, que nada lhe tirará de suas formas virginaes.

« Lembras-te que ha tres mezes, quando ainda estavamos fortes, e mamãe vivia descausada, e quasi esquecida de seu passado de lagrimas, o primo Eduardo veio-nos buscar uma noite para levar-nos ao baile da Baronesa de G? »

« Pois não me havia de lembrar ! Eu que dansei oito quadrilhas, e que ouvi igual numero de inspidas declarações de admiração de jovens fatuos, com presumpções de gamenhos ! »

« Lóuea ! Em quanto tu passeavas na sala, rindo te das expressões exageradas desses mancebos para quem os affectos são uma comedia, e que decoram as Harmonias de Lamartine; para as repetirem trinta vezes em sedica prosa, havia em um canto, junto a um jarro de jasmims e rozas de enebriante odor, um joven sentado em muda contemplação, que te seguia com os olhos ardentes, com o coração palpitante, e para quem o menor de teus sorrisos — concedido a outros, causava lhe uma dor profunda e dilaceradora. Este joven era Affonso de Sá, que se levantou no fim de uma quadrilha, e veio, elle que n'essa noite não dançara; pedir-te para que lhe concedesses a honra de ser teu par uma vez. E tu foste tão barbara, que sem olhar para o seu rosto pallido, sem attender ao som supplicante de sua voz, lhe negaste tão pequeno favor, sob pretexto de que tinhas pares para toda a noite ! »

« Pois bem, Julia, serei sincera contigo; eu podia-lhe dar ainda uma quadrilha, porem so a lembrança de ter que passar sob o fogo de seus olhares furibundos, de ter que ouvir cem vezes as expressões do genero de Werther, com que elle me mimoseia, causou-me tal terror que me neguei a seu pedido. »

« Entretanto o pobre moço, fulminado por tua negativa, tornou para o seu canto, ainda mais pensativo, porem resignado a soffrer as attentões que tu aos outros concedias; deixou de olhar-te, mas virando-se para a sacada, que dava sobre uma praia da bahia, pareceu dirigir a vista para as ondas agitadas, e aspirar com força a brisa que penetrava no salão; a agitação que no coração lhe borbulhava casava-se com aquelle aspecto da natureza. »

« Pouco depois, perdendo-o de vista, fui-me sentar entre um circulo de moças ricamente ade-reçadas; que exalavam um odor insuportavel de almiscar, e affectavam uma linguagem requinta, da e desdenhosa. Eram algumas herdeiras rica

que faziam sociedade de parte, para defendereem-se dos ataques dos adoradores da belleza pecuniaria, que as seguiam com pertinacia. Apenas me sentara entre ellas, dei fé da indiscrição que cometera, eu pobre paria da civilisação burguesa, de vir sugerir-me aos olhos desdenhosos de tão incompativeis companheiras. Hia-me levantar, quando D. Virginia de Mendonça, aquella moça loura e pallida, que apezar de seus milhões, sempre nos tratou com amizade, talvez filha de iguaes proprações de espirito, sentou-se junto a mim, e disse-me.

« D. Julia, affirmaram-me que a senhora conhecia uma pessoa sobre quem eu desejaria obter algumas informações.

« Respindi-lhe que muito gosto teria em poder esclarecel-a sobre o que desejava.

« Apontou-me então para Affonso, e perguntou-me se o conhecia.

« Morou algum tempo em M...—respindi-lhe; —é moço dotado de boas qualidades, parece-me bravo e intelligente, e segundo penso deve fazer uma brilhante carreira no exercito se os nossos Napoleões de gabinete lhe permittem.

« Virginia, corando um pouco, replicou-me:

« Bem sabe D. Julia, que entre nós moças, não são esses os pontos essenciaes da informação que pedimos sobre um mancebo, por quem nos interessamos, embora por mera curiosidade... ligamos mais importancia a suas relações de... amizade. »

Não pude deixar de me sorrir, apezar de ficar um pouco confusa com a pergunta de D. Virginia, e disse-lhe que nunca soubera de inclinação alguma da parte do joven capitão.

« Mas entretanto, —tornou ella, —não vê o seu ar triste, e como elle se isola no meio da mais agradável sociedade? Eu quero ser franca, com uma moça como a senhora, que ha de ser-me sempre leal. Meu pai é tio paterno do Sr. Affonso e de ha muito deseja que a sua fortuna avultada, que por sua morte deve-me pertencer exclusivamente, seja repartida com o filho querido de seu fallecido irmão, por meio de nossa união. Ao contrario do que quasi sempre acontece, não posso deixar de confessar-lhe, que o brilhante procedimento, e a agradável presença de meu primo impressionaram-me a seu favor, e que a vontade de meu pai tambem é a minha. Mas apezar de elle me tratar com toda a delicadeza, não sei o que ha de glacial nos cumprimentos que me dirige, e de reservado nos adiantos que antepõe aos desejos de meu pai, que bastante me tem contristado!

« E a joven herdeira, infeliz apezar de sua belleza e de sua oppulencia, deixou escapar duas lagrimas, que eu procurei occultar com meu lenço. Não sei como nessa occasião Affonso ap-

pareceu ao pé de nós, e fictou-nos de uma maneira vaga que parecia exprimir a falta de percepção das pessoas que encarava. D. Virginia, sorriu-se para elle, e cumprimentando-o com infinita graça disse-lhe:

« Meu primo, acho-o bastante distraído hoje; nem ao menos concede um cumprimento, não a mim, que não lhe mereço essa graça, mas ao menos a uma antiga conhecida que tenbo a honra de apresentar-lhe na Sra. D. Julia de Campos.

« E indicou-me com sua mão pallida como o marfim, e meia encoberta pela fina blonde da manga.

« Ao meu nome, Affonso estremeceu, e a expressão de intelligencia perfeita do que o cercava manifestou-se em seu rosto; inclinou-se profundamente, e apertando-nos as mãos com delicada cortezia, disse-nos:

« Minha prima e D. Julia devem desculpar-me, attendendo a que eu estava preocupado com uma noticia que ha pouco me communicaram. Se não se dignassem fallar-me, commetteria a grave falta de não vir tributar-lhes os meus respeitoos.

« O Sr. Affonso, —tornou-lhe D. Virginia, —deve hoje provar que ainda não abdicou os seus direitos a ser um dos reis da moda, mostrando sua brilhante farda entrê os pares dansantes? »

Esta pergunta maliciosa da joven herdeira, como que indicava o desejo de ser seguida de um convite immediato do cavalheiro; porém este deu mostras de não comprehender, e offercendo-me o braço, disse-nos:

« Minha prima, eu não posso dansar, quando o espirito está triste, a dansa não é um prazer, mas sim um movimento desagradavel e monotono; queira aceitar as desculpas que eu dirijo a todas as bellas damas que abrilhantam o salão. A Sra. D. Julia se dignará aceitar por alguns momentos o meu braço para passearmos.

« Levantei-me e acompanhei-o, não sem prometter com um olhar compassivo a minha intervenção a D. Virginia; mas esta ficára anniquilada em sua cadeira; livida côr lhe cobrira as faces, e eu não pude deixar de sensibilisar-me ao ver a fatalidade que tornava infelizes dous jovens tão dignos de amarem-se. Affonso levou-me até uma pequena sala em que jogavam algumas velhas titulares com varios capitalistas de reforçada estatura, que procuravam occultar a aspereza das mãos com os maços de notas que punham sobre a meza. Tão entretidos estavam em render finezas ás damas octogenarias, que não deram fé de nossa entrada.

« Affonso aproveitou-se do isolamento em que nos achávamos, e pedindo-me que me sentasse, disse-me com um accento de voz rapido em que a paixão por longo tempo comprimida se revelava com toda a anciedade do desespero... »

E Julia pareceu impressionada de tal maneira pela confissão que ia transmittir, que empallideceu, e ficou um pouco pendida sobre sua irmã. Esta olhou para ella com interesse, e beijando-a sobre a fronte, disse-lhe com expressão :

« Mas Julia, acredita-me, eu não o amo! »

A joven pareceu sobresaltar-se com esta observação, e a pallidez se lhe mudou em vivo rubor, abaixou os olhos, e reanimando-se continuou :

« Não entendo o que queres dizer com essas palavras, que parecem de consolação; ouve porém o que me disse Afonso.

« Não posso mais D. Julia, suffocar o vulcão que se debanda em meu peito, e que ameaça com suas chammas queimar-me os ultimos annos da mocidade, deixando-me prostrado para sempre. Perdoe-me esta confidencia; eu amo sua irmã com o fervor de um primeiro affecto; não é amor, é adoração; beijar-lhe-ia os pés se ella o consentisse. Tudo por ella tenho despresado; tudo por ella esquecerei; fortuna e familia, ambição e orgulho; quero ser seu escravo, quero rojarme a seus pés. Mas ao menos D. Julia peço-lhe que não me repulse; talvez a loucura, talvez a morte fossem o paradeiro desta paixão insensata que me cega e me conduz arrebatado!

« Pobre moço! Procurei consolal-o; disse-lhe que viesse nos visitar; que o seu trato ameno, e a propria expressão de seu affecto acabariam por vencer a tua glacial asperesa. Mas eu não contava com tua tenacidade e de nada tem servido a continuação de suas visitas á nossa casa. Em vez de amal-o, tu delle escarneces; em vez de conceder-lhe alguma attenção, procuras evital-o. Diz-me Dulce, não te julgas a ti propria bastante cruel? »

A joven não respondeu. Ambas ficaram com as mãos enlaçadas por largo espaço, mas seus olhos não se encontravam; diversos pensamentos as preocupavam. Quem visse aquellas duas existencias tão fragantes; quem visse aquelles interesses todos mundanos que as agitavam, e lhes faziam esquecer os intimos padecimentos, nem de leve julgára, que a morte dellas se aproximava a passos duplicados, e que este fulgor de mocidade e emoção seria o ultimo que deviam sentir.

Estavam assim havia alguns minutos quando o sino da proxima capella soltou um toque argentino e triste; ambas se ergueram como movidas por occulta molla. A tarde ia findar; o céu perdia a sua côr de anil com as primeiras sombras do crepusculo, e apenas afogueados listões indicavam no oriente o occaso do sol. Leve aragem de balsamico perfume, lhes agitava os cabellos. Dulce tomando uma das mãos de sua irmã, apontou-lhe para o horisonte.

« Minha irmã,—disse-lhe,—queres que ame alguém sobre a terra; pois bem, amarei a ti e a

pobre mamã; amarei o Ente Divino que nos envia naquelles magnificos adornos do céu uma promessa de regiões mais calmas, de um existir menos agitado.

« Eis as affeições que eu posso sentir; e já que os meus dias de existencia estão contados, quero ao menos levar para o céu sem uma nodoa da terra a minha corôa de virgem! »

Continua.

Vassouras, 4 de outubro de 1856.

REINALDO CARLOS MONTORO.

POESIAS.

A. M*.

ULTIMO CANTO.

Ainda quero um triste canto
Entre suspiros e pranto
N'este dia te offertar,
Inda quero esse passado
Tão depressa deslizado
Mais uma vez recordar.

Seja a última, esqueçamos
O que outr'ora ambos juramos,
E que algum de nós cumprio;
Não por mim, fostes amada
Se é possível—idolatrada,
Té que a illusão se esvaio.

Mas não é com a lembrança
D'este dia, que a espr'ança
Póde de novo voltar;
Não te illudas, d'elle após
Não ha mais os santos nós
Que impediam perjurar.

Nada mais ha que um vistígio
D'esse soberbo pristígio
Que a teu nome anda ligado;
Em memoria d'este dia
Cedo-te o resto, Maria,
Perdoe-me Deos o peccado.

Rio, 8 de Dezembro de 1855.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Um beijo.

Um beijo... nada mas,
ESPRONCEDA.

A vez primeira que avistei-te, oh virgem,
Tu foste a origem de um amor sem fim:
Teu lindo rosto, para o céu voltaste,
Depois me olhaste p'ra sorrir p'ra mim.

Fallei-te, e as horas que passamos juntos
Deram assumptos p'ra amorosas fallas:
Era de noute,— reflectia a lua
Na face tua, as refulgentes gallas!

Então me olhavas com teos olhos bellos,
Por teos cabellos raramente occultos:
Ergui meus olhos, fascinei-me ao ver-te,
Jurei render-te meus amantes cultos.

Tu me apertas-te nos teus nivos braços,
Seguros laços de um amor sem fim;
Eu disse-te: « Amas-me meu anjo lindo ?
Inda sorrindo me disseste « sim » ?...

Senti no'peito tal prazer, ouvindo,
Meu anjo lindo, a confissão de amor,
Que arrebatou, tentei dár-te um beijo,
Mas logo o pejo produziu temor.

Tu que sentiste o meu desejo ardente,
Que de repente a timidez matou,
Deste-me a face, despresando o pejo,
E o meu desejo, se cumpriu... soou !...

Soou com elle o campanario ao longe,
Por mão de um monge, mau signal nos deu:—
« Adeos » disseste, « Meia noite é dada. »
Fugiste oh fada, e meu amor, — soffreu !.

Inda a seguir-te me atrevi:—meu peito
A amar affeito estremeceu,—cahi—
Para lembrar-me o coração batia,
Poís me esquecia que p'ra amar nasci !

F. GONSALVES BRAGA.

Meditação.

Tudo perdi no mundo... e agora triste
Só libo amarguras
São sonhos mentidos d'outr'ora
Que diziam venturas.

Quanto é grato oh meu Deos, pelo silencio,
De uma noite sombria o meditar,
Fugir aos vãos prazeres que nos cercam
A's turbas das cidades aonde fervem
As orgias, o orgulho, a pompa e tudo
Que ha devasso na vida entre fulgores.
Accompanha-me assim, querida musa
Deixemos a cidade, e ao bosque umbroso
Hiremos meditar; oh! quanto é doce
Recordar dos amores as saudades
Qu'inda outr'ora anhelava quando forte
As vigorava em tua ausencia cheio
D'esperanças ternas; quanto é bello
Da lua contemplar o argenteo globo
Por instantes occulto em outros limpo
Mil christallinos raios reflectindo
Aqui, ali além, no manso lago.

Amo ver surgindo a aurora
Risonha bella e louçã,
Amo ver a estrella d'alva
Annunciando a manhã.

Amo a lua sobre o leito
D'ondas de prata a fulgir,
Cercada de mil estrellas
Placidamente a luzir.

Amo esses sonhos que anhela
Pudica virgem qual flôr,
Amo os doces pensamentos
Que me vem fallar d'amor.

Amo os astros tão luzentes
A sorrir-me com afan;
Amo as flores que se dobram
Aos encantos da manhã.

Eu vibrarei a lyra, e ao som dos echos
Nas auras soltarei co'as vozes d'alma
Das saudades que tenho ternas queixas,
Os ternos cantos que a saudade inspira,

Baixa oh, anjo dos ceos, por ti anhelado,
 Confidente ouvirás as minhas mágoas
 D'estes gratos suspiros, e os lamentos
 Ao pé d'esta palmeira muda e triste
 Despida dos verdores naturaes,
 Assentados leremos negras paginas
 D'essa vida passada em amarguras
 Do fel da submergida existencia.

Amo as agoas que contentes se desprendem
 Na cascata ao cahir,
 Amo as vagas gementes que se arojam
 Com profundo sentir.

Amo a virgem dos bosques tão airosa
 Destoucada e louçã,
 Amo as roupas nevadas que lhe ondeam
 A' aragem da manhã.

Amo-lheas faces tão niveas qual cisne,
 E seus longos cabellos
 Se para mim s'inclina um só reflexo
 D'esses olhos tão bellos.

Amo-lhe a lyra d'ouro em que tangia
 Sua canção divinal,
 Amo-lhe os lindos seios tremulantes
 Alvos lyrios do val.

Amo longe e bem longe das cidades
 Dar paz ao coração,
 Eu amo respirar livre e sozinho
 Na vasta solidão.

Amo o ceo, as estrellas e mais quanto
 Está no firmamento,
 Amo á tarde commigo meditando
 Um doce pensamento.

Eu desprezo o egoismo d'esses homens
 Que habitam cá na terra,
 Amo Deos, universo e tudo quanto
 A minha crença encerra

Dezembro, 1856.

JOAQUIM FELIX F. E SOUZA.

⊙ Proscripto.

Quem és tu proscripto que triste vagueas
 Em plagas estranhas sem ter um jazigo?
 Com feras só vives no seio dos montes
 Só amtros escuros te servem de abrigo?!

Por serras e valles echoam teus gritos
 São cheios de raiva, tão cheios de dôr!
 Sorrir-se não sabem teus labios mirrados
 No peito só sentes cruel amargor!....

Maldito!... maldito!.... bradandô lá grita
 O povo na aldêa de ti a fugir!
 Os velhos tremendo se benzem ligeiros
 Até que te vejam nos bosques sum ir!....

« Quem sou? que te importa?! dize-lo não posso,
 « Não posso do peito os segredos contar!
 « Segredos amargos constante elle guarda
 « Que ao tum'lo somente pertende levar!...

« Que importa da turba ufanosa o desprezo?!
 « Que importa do mundo a falláz illusão?....
 « Aqui n'estas plagas, sou livre, sou rei,
 « O mundo só pagá com dura traição! »

Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
 Rua da Alfandega n. 210.